

GRANDES CENAS / MONTAGEM

EPISÓDIO 20: MACUNAÍMA

[ABERTURA]

JOAQUIM PEDRO

No princípio deste século, em mil novecentos e pouco, estive no Brasil um cientista alemão recolhendo lendas indígenas. Quando Mário de Andrade, grande escritor brasileiro, leu estas lendas, ficou, como ele mesmo disse, "desesperado de comoção lírica", porque percebeu que a cultura popular brasileira, sempre irreverente, engraçada e até subversiva em relação a padrões morais hipócritas vigentes em diferentes épocas da nossa História, guardava basicamente o espírito, histórias e até personagens criados por nossos índios séculos antes. Daí nasceu a ideia do livro 'Macunaíma', que ele escreveu de um jato, em uma semana. Deste livro, eu tirei e dirigi o filme que vocês podem ver a seguir.

MATHEUS

Na década de vinte, o cinema renovou a literatura, e os escritores descobriam novas de narrar e de dizer quem nós somos. Na década de sessenta, num movimento inverso, o cinema brasileiro buscou na literatura a sua renovação: Nelson Pereira dos Santos filmou Vidas Secas; Leon Hirzman, A Falecida; Eduardo Scorel, Amar um verbo transitivo. Joaquim Pedro reinterpreta a obra de Mário de Andrade, buscando, em Macunaíma, uma alegoria da brasilidade.

SCOREL

O "Macunaíma" é um filme que representou uma certa ruptura em relação aos primeiros filmes do cinema novo, né? Que eram em sua maioria filmes em preto e branco, filmes que tiveram pouco alcance de público, né? E o Joaquim deliberadamente buscou fazer um filme que tivesse uma comunicação maior, que conseguisse estabelecer um elo mais forte com os espectadores. E foi muito bem sucedido nesse sentido, né? (/) porque (/) articulava elementos vindos da chanchada, inclusive muitos atores vindos das chanchadas, das comédias da Atlântida e tal, o Grande Otelo principalmente, mas muitos outros... com elementos do cinema novo, o Paulo José, a Dina Sfat, de outra geração inteiramente diferente. E se, e a plateia se divertia, quer dizer, enormemente, ria e tal. E a partir daí o filme foi se transformando (/) E isso tudo foi muito surpreendente no Brasil, quer dizer, onde se esperava dos diretores do cinema novo um outro tipo de cinema.

- No fundo do mato virgem, houve um silêncio tão grande, escutando o murmurejo do Uraricoera, que...

- Uaaááá!

SCOREL

O filme começa, né? Quer dizer, tem uma narração imediatamente antes, mas a primeira imagem do filme né? É a imagem da mãe do Macunaíma, feita pelo Paulo José [risadas], em close, no momento de dar a luz ao Macunaíma.

- Uaaááá!

PAULO JOSÉ

Uaaááá! O filme abre num plano grotesco, né, absolutamente definitivo este plano, né, (/) Aí, prontom, já se escrachou o filme, né? Não tem mais sutilezas, né? (/) O fato de, de me colocar como mãe do Grande Otelo, já de saída criou um vínculo uterino, né, já, já ficou um, uma coisa visceral, né? Otelo nasce de mim, né?

SCOREL

E a cena que segue naturalmente com o Grande Otelo caindo de, de cabeça, né? Que fa, numa alusão à questão do cabeça chata, do emigrante nordestino cabeça chata, então... a cabeça chata seria originária da criança nascer batendo com a cabeça no chão. (/) É uma imagem por si só extraordinariamente forte, né? Até por esse elemento de ser um homem fazendo o papel da mãe, por ser uma representação visual de alguma coisa que no livro é muito discreta, quer dizer: no livro é, é uma frase assim. Pro Joaquim, eu acho que já havia ali um certo elemento até de ruptura em relação ao romance.

PAULO JOSÉ

Isso do Joaquim, de não ter nenhum pudor... É, é extraordinário isso. Vai inventar assim na... puta que o pariu, né?

- Nhééé! Nhééé!

- Pronto. Nasceu.

- Macunaíma, herói da nossa gente, ah, ah, ah...

SCOREL

O Joaquim, (/) ao escolher o romance do Mário de Andrade pra adaptar, que outros diretores tinham cogitado assim, meio vagamente. Mas ele foi o primeiro assim que se lançou numa tarefa muito difícil na época, né? Dado todos os elementos que o filme contém, inclusive

elementos, ahn, não realistas, magia, coisas que acontecem de uma maneira não propriamente explicada, que hoje em dia seriam simples de resolver, né? Com computação gráfica e outras coisas, mas que naquela época ele fez uma opção por uma espécie assim de versão realista do mágico.

PAULO JOSÉ

Não tinha importância que parecesse falso aquilo. Porque era uma história mágica, maravilhosa, né? Toda, toda magia, ela se dava ao nível do olho humano. Então a câmara estava sempre colocada a um metro e setenta de altura. (/) Não tinha efeitos ópticos, efeitos especiais, nada, nada, não tem efeito especial.

SCOREL

E isso tem uma origem num filme visto pouco antes, que é um filme do Pasolini, que tinha feito isso, né? Quer dizer, no "Evangelho segundo Matheus", do Pasolini, (/) o milagre dos pães não tem truque nenhum, simplesmente os pães, em corte, numa cena não estão e na cena seguinte estão. (/) na época, era duvidoso qual seria o efeito disso, tudo isso funcionou perfeitamente. É claro que há pequenas, pequenas assim... manobras pra que essas coisas funcionem qua... da primeira vez que ele se transforma na mata, há um ruído de um tiro no momento que Macunaíma se transforma num príncipe. O tiro não tem nenhuma razão de ser, nenhuma razão lógica de ser, mas o tiro simplesmente desnorreia um pouco o espectador, entendeu? E então o Grande Otelo pode se transformar em Paulo José, que não deixa de ser milagroso, né?

[TRECHO DE FILME]

SCOREL

E aí foram surgindo essas ideias, quer dizer, do Paulo fazer a mãe do Macunaíma e depois fazer o Macunaíma adulto, e do Grande Otelo fazer o Macunaíma criança e depois aparecer como filho da Sí e do Macunaíma, da Dina e do Paulo... (/) São coisas, entende?, que fazem parte dessa (/) estética, desse momento. (/) Também da estética tropicalista, né? Quer dizer, de combinar coisas improváveis, coisas que normalmente não estariam juntas.

MATHEUS

Com uma liberdade até então pouco vista no cinema brasileiro, Joaquim fez um filme sem estilo pré-determinado. Como ele mesmo disse, seu estilo seria não ter estilo, uma antiarte no sentido tradicional da arte. Em sua versão de Macunaíma, ele não tem pudor em misturar o popular com o erudito, o realismo com o onírico e o farsesco. É um filme que pode ser considerado o representante cinematográfico do movimento Tropicalista.

SCOREL

O Joaquim reagia muito nas entrevistas a isso, ele tinha uma postura assim meio, meio crítica em relação ao, ao tropicalismo. Mas eu acho que, em retrospecto, existem elementos comuns, embora, embora o Joaquim não fi, não fizesse parte propriamente do movimento tropicalista, nem tivesse aderido a isso. (/) O fascínio do Joaquim pelo Oswald de Andrade é um elemento comum, (/) pra (/) inquietação do marioandradinos, né? Quer dizer, tinha essa questão de fazer uma versão do Macunaíma numa perspectiva do Oswald de Andrade. (/) O Joaquim considerava que o filme era uma interpretação crítica do livro. Não era uma adaptação, propriamente, do livro. E uma interpretação crítica do livro muito à luz da antropofagia, da obra do Oswald de Andrade. Então havia todo um... uma espécie assim de conflito de ideias aí, um choque de ideias, que resulta no filme Macunaíma.

[TRECHO DO FILME]

SCOREL

Até a grande cena final, né? A cena da feijoada, que no livro é uma macarronada, né? Porque quando o livro foi escrito a referência era o imigrante italiano.

- Não faça isso não, ô, patrício! Não amola, não, que o pessoal tá te esperando pra feijoada, ahn! Ah, ah!

SCOREL

O gigante Venceslau Pietro Pietra é um italiano ou imigrante italiano. Então a cena que o Mário imaginou foi a cena dele caindo na macarronada, né? E reclamando que faltava queijo, né? Na transfiguração do filme em, talvez, clima tropicalista, virou uma grande feijoada e ele quando emerge diz que falta sal na feijoada, antes de morrer, né? É o grito final do gigante.

- Aaaaah! Falta sal!

SCOREL

E é literalmente uma feijoada antropofágica, (/) com as carnes ali no Parque Lage. (/) São, cadáveres que tão espalhados ali. (/) E embora seja encenada e seja encenada num espaço delimitado e quem está ali é figurante, ahn, mas claramente em certos momentos, entre os figurantes, percebe-se, ahn, um certo descontrole acontecendo, né? Quando arrastam uma senhora pra jogar na piscina. Ela não tá, ela não tá mui, ela visivelmente não tá muito satisfeita de ser jogada nessa piscina, e acaba caindo mais gente do que provavelmente tava previsto cair. Então são cenas que não são tão controladas assim, tão marcadas, né? A câmera tá de longe e um pouco observando, como se tivesse na verdade documentando aquilo.

[TRECHO DO FILME]

ESCOREL

É um filme em que o Joaquim tenta eu acho, talvez até nem tenha conseguido tanto ainda, mas que ele tenta um pouco romper com o cinema que ele vinha fazendo. (/) Tinha um projeto assim, uma espécie assim de obsessão formal que pode ser chamado de rigor também, é muito grande no "O Padre e a Moça". O Macunaíma é uma tentativa de fazer o oposto disso, quer dizer, é uma tentativa de fazer um filme mais informal. (/) Mas isso tudo funcionou, eu acho, dentro do filme, porque o Joaquim demorou muito pra conseguir, na verdade, fazer o roteiro. E ele dizia que só conseguiu propriamente fazer o roteiro quando entendeu o livro de uma perspectiva do Oswald de Andrade e entendeu o personagem como um personagem que é devorado pelo Brasil. Então essa ideia dos brasileiros devorados pelo Brasil é um pouco a ideia motriz, a premissa fundamental do filme. Então todo mundo vai sendo comido, literalmente ou metaforicamente ao longo do filme. (/) Um pouco nessa ideia de, de grande (/) festa racial mesmo, digamos, né? Que o filme de certa maneira celebra, né? Que o livro celebra e o que, e que o filme continua celebrando.

JOAQUIM PEDRO

Espero que as aventuras bem brasileiras de Macunaíma, herói de nossa gente, divirtam e deem o que pensar pra vocês.

[CENA]

- Amanhã, por essas horas, firin-fin-fin!
- E eu também, com a sua mãe, furun-fun-fun! Furun-fun-fun!
- Atenção! Vai rodar. Cachorro, número cinco. Quem é, filhona?
- Doutor Carlito Chaves.
- Número nove. Cobra!
- Dona Risoleta Neves.
- Agora, senta aqui no balanço, pra você ver como é engraçado, ahn?
- Não quero, não, Venceslau. Tou com preguiça.
- Balança que é gostoso.
- Eu até que nem sei balançar, sabe? Melhor você vai primeiro pra me ensinar como é que é.
- Que eu nada, rapaz, vai você! É fácil que nem beber água. Vai, sobe que eu te balanço. Vai!
- Agora chega! Obrigado.
- Balança aqui por cima.

- Ah, se eu possuísse meu pai e minha mãe do meu lado, não estava padecendo nas mãos desse malvado.

- Agora eu vou pegar a flecha pra...

- Me dá isso aqui.

- Mas o quê? Ah... A muiraquitã! Ah, muiraquitã...

- Den, den, den... Se desta eu escapar, nunca mais como ninguém.

- Ahhhh! Falta sal!